

HORIZONTES VIÁVEIS PARA A MISSÃO AD GENTES

Gerardo Custódio Lopez
gerclsx@yahoo.com.mx

RESUMO: A conclusão do XVI Capítulo Geral xaveriano diz-nos o seguinte: “Vivemos imersos em um mundo complexo e diverso daquele que São Guido conhecia. Um mundo que atravessa uma profunda crise ética, moral e cultural, que põe em causa algumas certezas do passado. A isso agrega-se os novos desafios da pós-modernidade, do individualismo, da globalização com as suas injustiças, do fundamentalismo, do terrorismo, da guerra e da busca de uma paz duradoura, de vários modelos de família, do relativismo e do secularismo: tudo isso constitui um conjunto de fenómenos que desafiam o nosso sistema de valores, o modo de ver as coisas, de interpretá-las e como praticá-las” (XVICG, 8) (iQuaderni, 80). Seguindo o carisma do Fundador, este Capítulo convida a não perder a dimensão fundamental da Congregação: a missão ad gentes. Dado o panorama atual, pede-se que todos os xaverianos entrem em um estado de reposicionamento, isto é, de atualização, de reajuste, de renovação diante das circunstâncias que o mundo vive hoje, com o que somos e temos (n. 46). Sem contar que tudo o que um xaveriano nunca pode esquecer é o primeiro anúncio (n. 53). É preciso renovar-nos, porque sabemos que o conceito de missão ad gentes esteve associado durante séculos a territórios definidos e estabelecidos. De fato este conceito, para os nossos dias, tem sido objeto de mudanças e novas perspectivas que tentarei analisar aqui.

ABSTRACT: The conclusion of the XVI General Xaverian Chapter states the following: We live submerged in a complex and diverse world from the one known to Saint Guido. A world that is going through a profound ethical, moral and cultural crisis that questions some of the certainties of the past. On top of this, we are facing the challenges of postmodernity, individualism, globalization and its injustices, fundamentalism, terrorism, war, the search for a lasting peace, the different family models, relativism, and secularism. All of these are phenomena that challenge our value system, our way of looking at things, of interpreting them, and our way to practice them (XVICG, 8). (iQuaderni, 80). This chapter, following our Founder’s charisma, invites us not to lose the fundamental dimension of the Congre-

gation: the mission ad gentes. As we face the current panorama, it is asked of all xaverians to enter in a state of repositioning, which is to say, a state of actualization, readjustment, and renovation as required by the circumstances of today's world, with all we are and have (n. 46). In addition to this, a xaverian can never forget the First Announcement (n. 53). We need to renew ourselves because we know that the concept of mission ad gentes was associated for centuries to territories already defined and established; however, such concept in today's world has been the object of changes and new perspectives that I will attempt to analyze in the following pages.

ANÁLISE DA NOSSA REALIDADE XAVERIANA

O espírito do XVI Capítulo Geral, confirmado pelo XVII, encoraja as circunscrições a procurar novos caminhos que devem percorrer, porque cada vez mais que nos aproximarmos do Evangelho, nascem novos caminhos e métodos, outras formas de expressão, sinais, palavras carregadas de renovado significado para o mundo de hoje. Na realidade, toda ação evangelizadora é sempre nova (cf. EG 11). As “periferias” às quais hoje nos dirigimos, apresentam dimensões e características por vezes desproporcionais às nossas possibilidades, com o perigo de nos encontrar hesitantes ou mesmo indiferentes. É precisamente neste ponto que podemos nos perguntar: onde estão hoje as fronteiras da missão *ad gentes*?

O Papa Francisco disse aos Superiores Maiores que há três áreas que devem ser levadas em conta com o testemunho e o cuidado pastoral: a marginalização, a cultura e a educação (*iQuaderni* 80, p. 9). Assim, o Capítulo acrescenta que temos que partir para as periferias existenciais, geográficas, sociais, culturais e religiosas.

Esse Capítulo Geral insiste nos novos caminhos a serem descobertos e vislumbra um fenômeno social que tomou enormes proporções e sobre o qual não temos refletido de forma sistemática, nem temos chegado a respostas mais adequadas. Trata-se do fenômeno da urbanização, que existia no passado, mas que ultimamente se desenvolveu de forma acelerada e violenta em algumas áreas.

Áreas rurais foram transformadas em pouco tempo em grandes centros urbanos; povoados subitamente convertidos em cida-

des pelo aumento da população e, acima de tudo, pela nova mentalidade e pelas novas exigências que isso implica, devido aos meios de comunicação, internet, estradas, aeroportos, turismo, intercâmbios comerciais e internacionais. Pede-nos que estejamos vigilantes (*iQuaderni* 80, p. 10).

A urbanização não é um mero crescimento dos quarteirões de uma cidade ou de novas estruturas, e sim sobretudo uma nova mentalidade que se impõe com seus respectivos “valores” que mudam o pensamento e a direção da vida. Essa mudança nos leva a rever nossa forma de entender e falar diante do novo. É por isso que acreditamos ser urgente para a nossa Família Xaveriana refletir de maneira profunda sobre o fenômeno urbano e sobre o que essa realidade nos diz.

Os xaverianos desenvolvem sua missão muitas vezes em grandes cidades. Estamos aprendendo a ler o quão complicado, difícil e até mesmo hostil é esse contexto, de modo que nossa missão não pode ser como era no passado. Trata-se de entrever as novas fronteiras da missão hoje.

Novas culturas continuam a ser geradas nessas enormes geografias humanas, onde o cristão não é mais geralmente um promotor ou gerador de significado, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus. É necessária uma evangelização que ilumine novas formas de relação com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite valores fundamentais. A Igreja é chamada a pôr-se ao serviço (EG 73.74).

Teoricamente, os campos da evangelização estão definidos: missão *ad gentes*, nova evangelização e serviço pastoral. João Paulo II falou que estas três áreas estão interligadas. Com efeito, estudos recentes nos dizem que não é tão simples marcar as fronteiras entre uma e outra. Vejamos.

A MISSÃO AD GENTES

O estudo sobre a missão é praticamente recente. Alguns pensam que toda a Bíblia é missionária, outros que é a “mãe da

teologia”, outros ainda que nasceu para estabelecer a Igreja, até que o Concílio Vaticano II lhe dá uma configuração: finalidade da missão é a evangelização e o surgimento da Igreja entre os povos e as populações onde ainda não se enraizou (AG 6).

O nosso carisma *ad gentes* brota da espiritualidade que São Guido quis dar à família xaveriana:

Espirito do Senhor, que anima a Igreja e renova continuamente nela a consciência de sua missão no mundo, inspirou o Dom Guido M. Conforti, a doar-se pela evangelização dos não cristãos e a reunir em uma comunidade missionaria homens chamados a consagrar a Deus a sua vida pelo mesmo ideal. Seguindo o nosso Fundador e revivendo o mesmo carisma, nós Xaverianos respondemos á ordem do Senhor: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (C 1).

Neste novo milénio, a Congregação reafirma o seu compromisso com o carisma do Conforti:

No contexto do mundo moderno, no qual há uma mistura de culturas, raças e religiões, e no qual há em toda a parte não-cristãos, como em quase todos os lugares há cristãos, vós, movidos pela vocação, continuam a ser missionários que deixam o seu país, a sua cultura e a sua própria comunidade eclesial de origem para ir anunciar “aos outros” a Boa Nova ... Deve ser muito claro, para todos, o objetivo para o qual a sua Congregação surgiu, isto é, o anúncio missionário aos não-cristãos (Mensagem São João Paulo II aos Xaverianos 2001, 2).

O *ad gentes* exprime a nossa orientação para a evangelização daqueles “povos, grupos humanos, contextos socioculturais, onde Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos, ou onde faltam comunidades cristãs suficientemente maduras para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos” (RMi 33). Desde o início do nosso Instituto, a missão *ad gentes* constitui o compromisso único e exclusivo, característica indispensável, sempre defendida pelo Fundador, a ponto de pedir aos seus missionários que não se deixassem absorver pelas atividades de serviço aos cristãos. O *ad gentes* nos define na Igreja e molda todo o nosso modo de ser (RMX 11).

No documento *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II, nos seus primeiros números, afirma a missionariedade de toda a Igreja, recebendo do Senhor o mandato de levar a sua mensagem a todos os povos. Dentro da própria Igreja, Deus inspirou o surgimento de Institutos que se consagrariam exclusivamente a esta obra missionária, da qual fazemos parte. A pergunta que se coloca é: se toda a Igreja é missionária, por que surgiram os institutos missionários? Não é tarefa de toda a Igreja?

Depois do Concílio, o Papa Paulo VI escreveu a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* reforçando a necessidade do anúncio onde a Boa Nova ainda não é conhecida (EN 51-53). O Papa fala da preocupação de continuar a encorajar aquelas pessoas que se afastam ou já se afastaram da prática da fé, sob a influência do secularismo (EN 54-56). Nos diz também que os primeiros responsáveis pela tarefa da evangelização são os bispos (EN 68).

Os Centros de Formação Teológica do mundo todo foram assimilando essas propostas dos novos paradigmas que se iam abrindo, segundo as circunstâncias e problemáticas culturais, sociais e religiosos de seus países. Nos anos 80, os missiólogos americanos Stephen Bevans, Robert Schreiter, Roger Schroeder e a equipe de professores da CTU (Catholic Theological Union) nos disseram que falar de missão é acima de tudo falar da *missão de Deus*. Deus move-se através do Espírito que paira sobre a terra e se concretiza historicamente na pessoa de Jesus para chamar à comunhão com cada ser humano, no coração do grande mistério e desígnio de Deus.

A Igreja não tem uma missão, mas a missão de Deus tem uma Igreja. A missão começa no primeiro momento da criação através da formação dos seus vários elementos por um processo de evolução até atingir o seu ponto mais alto na chegada da Palavra feita carne, sob a assistência do Espírito. Aqueles que seguiram Jesus foram, por sua vez, dotados pelo seu Espírito e, participando da sua missão, tornaram-se Igreja. É uma “comunidade de discípulos missionários”. A missão da Igreja é *ad intra*, porque deve ser evangelizada constantemente e *ad extra*, porque vive a sua identidade

como sinal e sacramento de salvação no mundo (cf. BEVANS, *Doing mission today*, 1; *Diálogo profético*, p. 25-29).

A Igreja participa na missão de Deus, sobretudo quando dá testemunho do Evangelho, quando manifesta o anúncio do amor e da ação de Deus em sua vida cotidiana e no seu serviço ao mundo. Participa também na missão aos povos que ainda não creem ou já não acreditam em Jesus, na *missão ad/inter gentes* e na nova evangelização (BEVANS, 2015, p. 1-2). A missão não é simplesmente trabalhar pela justiça, ou cooperar com as outras grandes religiões da humanidade, ou comprometer-se com a solidariedade humana.

A missão é entendida em três sentidos: como participação à *Missio Dei*, como serviço libertador do Reino de Deus e como anúncio de Jesus Cristo salvador universal. A missão é cumprida na medida em que participamos da missão de Deus. Não se trata de uma mera expansão da Igreja, mas da transformação do mundo, à espera do dia em que Deus estabeleça o seu reinado junto a toda criação.

Nós não fazemos missão porque somos enviados, mas porque fomos imersos na vida de Deus pelo batismo, que nos chama a ser colaboradores dEle. Isso não significa que pelo fato de sermos batizados, já somos missionários, sem uma perspectiva de compromisso e de ação para além de nossos próprios projetos. A missão não é apenas um *fazer coisas* para as pessoas, mas, acima de tudo, é uma questão de ser, ouvir e compartilhar *Deus* com as pessoas (DORR, p. 16). Tudo isso traz algumas implicações do que significa ser batizado e ser missionário (BEVANS, *Doing mission*, p. 1).

A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Para a América Latina, considerada um continente católico, com a sua própria religiosidade, os bispos reunidos em Puebla para a III Conferência Latino-Americana fazem-nos refletir sobre a tarefa da evangelização no Capítulo II: O que é evangelização?

Os bispos explicam esta obra da Igreja, com base no texto de: “*Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações*” (Mt 28,19). O seu conceito de evangelização contém vários âmbitos: a dimensão universal, a cultura, a religiosidade popular, a libertação e promoção humanas e, finalmente, as ideologias e a política (DP 341). Aprofundamos aqui a dimensão universal.

A Evangelização deve ser alargada a todos os povos. É por isso que busca a universalidade do gênero humano. Este aspecto é de atualidade para evangelizar hoje e amanhã na América Latina (DP 362). O fundamento para essa universalidade é o mesmo mandamento do Senhor. Assim, quanto mais vida tiver uma Igreja particular, tanto mais ela tornará presente e visível a Igreja universal e mais forte será o seu movimento missionário para com os outros povos (DP 363). Isto diz-nos que cada Igreja particular atinge a maturidade quando se abre e participa à evangelização de todos os povos.

Finalmente, chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem, certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza. Por outro lado, nossas Igrejas podem oferecer algo de original e importante; o seu sentido de salvação e libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, a floração de seus ministérios, sua esperança e a alegria de sua fé (DP 368).

O Papa João Paulo II abordou o tema em sua encíclica *Redemptoris missio* para refletir sobre o alcance da missão *ad gentes* e o compromisso da Igreja universal. Nos diz que a missão *ad gentes* conserva o seu valor porque se dirige aos povos, aos grupos humanos, aos contextos socioculturais onde Cristo e seu Evangelho não são conhecidos, ou onde faltam comunidades cristãs suficientemente maduras para poderem encarnar a fé no seu próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos e cuja cultura ainda não foi influenciada pelo Evangelho. Também ocorre em países de antiga tradição cristã, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé ou mesmo já não se reconhecem como membros da Igreja, levando uma existência longe de Cristo e de

seu Evangelho. Neste caso, é necessária uma re-evangelização. Todavia, precisa evitar que a responsabilidade especificamente missionária se torne uma realidade fraca no âmbito da missão global do Povo de Deus e, conseqüentemente, negligenciada ou esquecida (cf. RMi 33-34).

Não é fácil definir as fronteiras entre a pastoral, a nova evangelização e a atividade missionária específica. Sem a missão *ad gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja seria privada do seu sentido fundamental e da sua atuação.

As Igrejas de antiga cristandade, por exemplo, diante da dramática tarefa da nova evangelização, compreendem que não podem ser missionárias para com os não-cristãos de outros países ou continentes, se antes não se preocupam seriamente dos não-cristãos nas suas próprias casas. A missão ad intra é sinal credível e um estímulo para a missão ad extra, e vice-versa (RMi 34).

O Papa Bento XVI diz:

O campo da missão ad gentes expandu-se acentuadamente e não pode ser definido apenas com base em considerações geográficas ou jurídicas. Com efeito, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do Povo de Deus não são apenas os povos não cristãos e as terras distantes, mas também as esferas socioculturais e, sobretudo, os corações (DAp 375).

A missão *ad gentes* não está de modo algum a caminho da extinção, deixando tudo nas mãos da nova evangelização. Pelo contrário, seja devido ao aumento e ao movimento demográfico, seja pelo surgimento de novas relações, comunicações e mudanças de conjuntura, a missão parece destinada a horizontes ainda mais amplos. A tarefa de anunciar Jesus Cristo a todos os povos é imensa no que diz respeito às forças humanas da Igreja (RMi 35).

SERVIÇO PASTORAL

No contexto da comunidade cristã, sabendo que toda Igreja é missionária e que todos devemos participar da missão de Deus, podemos nos deparar com estas questões: onde fazer missão? Como fazer missão? O que fazer na missão?

Onde fazer missão?

O Papa João Paulo II já nos falou de três tipos de realidades. Falta falar sobre a terceira, acrescentando que há comunidades cristãs que estão comprometidas em testemunhar e proclamar o Evangelho no mundo que as rodeia. Ele chama essa obra de pastoral (RMi 33).

A Igreja local mexicana considera que a missão *ad gentes* é realizada nas áreas carentes da paróquia ou decanato. Isto é muito comum no seio do clero diocesano, que não vê nem sente a necessidade de se projetar para além das suas pequenas fronteiras, de sair, porque já são missionários aqui e, dessa forma, não projetam uma visão mais genuína da missão universal. Essa visão reductionista afetou nossos jovens a se tornarem pouco entusiasmados com uma missão além fronteiras.

O fenômeno da migração e a cultura secularizada e individualista têm favorecido essa visão, praticamente viciada no acúmulo de bens materiais, influenciada pelos que ganham muito dinheiro, como atletas e artistas, que segundo alguns sociólogos são praticantes de um “deísmo terapêutico”, pelo qual a religião trabalha basicamente para ajudar as pessoas a se sentirem bem.

Existem outras causas de indiferença ou distanciamento, dentro da Igreja Católica, como o flagelo do abuso sexual por clérigos e o encobrimento desses fatos, os movimentos de mulheres por não serem levadas em conta nas decisões, as questões ligadas ao aborto, à homossexualidade, à eutanásia, à fertilização *in vitro*, e o crescente número de pessoas que já não se identificam com nenhuma religião. Outras pessoas já não compartilham certas formas eclesiais, como a falta de democracia e de participação igualitária, a infalibilidade papal, etc. Ao mesmo tempo, estas pessoas respondem às tragédias humanas com generosidade, mostrando uma verdadeira atitude de solicitude pelo sofrimento dos outros, mostrando a “presença secreta de Deus” nos povos de todas as nações e culturas (AG 9) (BEVANS, *Doing mission*, p. 2).

Muitos dizem: “Sou espiritual, mas não religioso”. Secular não significa necessariamente não-religioso, antirreligioso ou

carente de espiritualidade. A religião e a espiritualidade estão crescendo, mas as igrejas perderam seu monopólio. *“Muitos povos procuram o transcendente e precisamos aprender a contar a história de Jesus de uma maneira mais compreensível e atraente do que doutrinal”* (CONNOLLY, 2013, p. 1). No tipo de sociedade em que vivemos hoje, podemos encontrar a missão a cada passo.

Como fazer missão?

A missão começa através da reflexão e oração pessoal e comunitária, para discernir os caminhos a seguir (segundo o exemplo de Jesus, São Francisco Xavier, Santa Teresinha do Menino Jesus, Carlos de Foucauld, Santa Teresa de Calcutá, etc.). Ao falar sobre o “como”, a atitude básica para realizar a missão está implícita.

Claude Marie Barbour fala de “missão ao contrário”, que significa que o missionário, ao invés de ensinar, é evangelizado por aqueles que pretende evangelizar. Por exemplo, ouvir, ser gentil, dócil e com a capacidade de criar uma rede de amizades. Connolly escreve: *“somos mais missionários quando descobrimos o que Deus está fazendo ao nosso redor; então seremos sinais mais autênticos e convincentes da esperança de Deus para o mundo”* (BEVANS, *Doing mission*, p. 4). Os “ninguém” (*nones*) não se sentirão interessados se simplesmente chegarmos com respostas prontas. A evangelização não pode dizer a mesma coisa todas as vezes que falamos, repetindo e repetindo. Podemos aprender pondo atenção a suas questões?

O diálogo é condição *sine qua non* da nova evangelização. Annie Selak pergunta: o que é que os jovens católicos querem? Querem uma comunidade aberta ao diálogo. Eles têm perguntas que têm a ver com os grandes temas do mundo de hoje e em Jesus, e antes de tudo através do silêncio, é o caminho para escutar, para alcançar a compaixão e a reconciliação.

O que fazemos na missão?

O Papa Paulo VI disse que o primeiro meio de evangelização é ser testemunhas de uma autêntica vida cristã. O Papa Francisco,

na sua alegria e simplicidade, manifesta a sua solicitude pelo bem do ser humano e da criação.

Nós, xaverianos, trabalhamos nas fronteiras entre a missão *ad gentes*, a nova evangelização e a mera assistência pastoral. Vivemos na dúvida se deixávamos a nossa tarefa principal *ad gentes* para fazer um trabalho de suplência. A suplência ocorre quando não damos nenhum toque missionário à nossa atividade pastoral, quando atuamos como pastores locais. As nossas Constituições recordam-nos: “*consideramos como suplência temporária a atividade pastoral na comunidade cristã da Igreja já constituída, mas ainda não autossuficiente, prestando atenção para que nossa ajuda não se prolongue além do necessário*” (C 10). A RMX nos diz: “*a presença pastoral na paróquia já existente, e não diretamente posta em um contexto de Primeiro Anúncio, se justifica provisoriamente só se terminar em um claro caminho de AMV xaveriana*” (RMX 75).

CAMINHOS VIÁVEIS PARA A MISSÃO

A missão leva a Igreja para além de si mesma, para a história, a cultura, a vida das pessoas, convidando-a a atravessar fronteiras. Os discípulos de Jesus não se reconheceram plenamente como Igreja, separada do judaísmo, até se perceberem de que foram chamados a uma missão que visava os confins da terra. A identidade judaica da comunidade é transformada na Igreja pelo reconhecimento do Espírito entre os samaritanos, no eunuco etíope, em Cornélio e sua família, etc.

Pedro entra na casa de Cornélio para convertê-lo, mas é Pedro, e com ele toda a comunidade de Jerusalém, a ser transformado. Pedro sabe que ele é proibido de se juntar a um pagão, mas ao mesmo tempo ele está convencido de que Deus lhe mostrou que ninguém deve ser chamado de profano ou impuro, se Deus o purificou (At 10,28). O Espírito desce sobre os ouvintes estrangeiros e Pedro pergunta se haverá algum impedimento para que sejam batizados.

Ser Igreja é ser em missão, ser em missão é responder às exigências em contextos concretos e reinventar-se diante de novos

desafios. A urgência da missão está ligada à mudança, adaptação e tradução para o contexto. Sendo fiel ao contexto, a Igreja continua a missão guiada pelo Espírito (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 77-81). Essa é a Igreja missionária no diálogo.

Diálogo

Os xaverianos reafirmam sua presença especialmente na Ásia. O XVI Capítulo afirma:

assumir o diálogo intercultural e inter-religioso como programa das Circunscrições ... O diálogo é sobretudo uma atitude essencial para o missionário, deve ser um aspecto característico do rosto humano do xaveriano ... O diálogo é hoje um método constitutivo de missão. A nossa Família deve dotar-se de instrumentos capazes de dialogar com as culturas, as religiões e o desenvolvimento dos acontecimentos de hoje (iQuaderni 76, p. 8).

O diálogo pode ser uma prática que leva a uma boa comunicação entre as pessoas. É uma atitude de respeito e amizade chamada “espírito de diálogo”. Pode ser abertura, equidade e lealdade, em relação a pessoas de outras igrejas ou religiões ou que pertencem a outra ideologia particular, ou mesmo para quem a fé cristã não significa nada (diálogo ecumênico, inter-religioso ...) (BEVANS; SCHROEDER, 2016, p. 42-43). O Diálogo Profético não é realmente uma nova maneira de pensar e praticar a missão, mas é uma nova maneira de dizer como Deus faz a missão, e como a missão tem sido feita desde os primórdios do cristianismo (BEVANS, 2014, p. 1).

Falar de “missão como diálogo” é falar de um diálogo como espiritualidade e contemplação que permite ao missionário perceber o contexto particular de um jeito novo. A missão implica sensibilidade para os aspectos sociais, culturais, religiosos, políticos da situação, dando atenção aos sinais dos tempos. O diálogo é um estilo de viver em relação aos outros.

Isto implica, portanto, reconhecer que a missão deve ser feita com uma boa dose de humildade, aberta ao encontro com aqueles que estamos evangelizando. Assim, a missão como diálogo

go marca a sua distância daquela missão colonizadora, como conquista do mundo para Cristo, característica dos séculos anteriores (BEVANS, *Doing mission*, p. 4).

A declaração do Vaticano II, *Nostra Aetate* (n. 2), fala de “*raios de verdade que iluminam todos os seres humanos*” nas religiões não-cristãs. O Papa Paulo VI acrescenta que “*o modo como nos relacionamos com o mundo pode ser no sentido do diálogo*” (ES 78). Mas a razão última para viver a missão como diálogo é por causa da própria natureza de Deus e porque a missão é a participação dessa natureza divina que é dialógica (BEVANS; SCHROEDER, 2016, p. 48).

A aplicação do diálogo dentro dos distintos contextos, podemos descrevê-los assim:

Diálogo Profético. A missão faz referência a pessoas respeitadas, gentis e dialogadoras que falam em atos e palavras do amor de Deus revelado em Jesus de Nazaré. E segundo o espírito dos profetas do AT (Amós, Oséias e Isaías), sua clara crítica a qualquer tipo de injustiça no mundo. Falamos também do testemunho da comunidade eclesial que precisa de ser um “sinal e antecipação” da vinda do Reino de Deus: “vede como se amam” (BEVANS, 2010?, p. 4).

Diálogo com os pobres. Também é chamado: diálogo da justiça, da paz e com a criação. No nosso continente fala-se de uma Igreja pobre que entra em diálogo com os pobres desta terra, na escuta, levando a sério as suas necessidades. É o anúncio de um mundo de igualdade e participação, no qual o maior é o servo de todos, um mundo de paz e de oportunidades. É um evangelho “*a favor da justiça ... que nos é apresentada como dimensão constitutiva da pregação do Evangelho*” (Sínodo dos Bispos, 1971); “*se queres a paz, trabalhai pela justiça*” (Paulo VI); a responsabilidade da Igreja para com a legislação que protege a criação e o cuidado da terra (BEVANS, 2010?, p. 4) (Bartolomeu de las Casas, Pedro Claver, Martin Luther King, Oscar Romero, Dorothy Stang).

Diálogo com contextos particulares. Contexto é paralelo a

cultura, com a intenção de que a Igreja se comprometa a dialogar com realidades concretas e não no vazio. Ser sensível ao ambiente em que servimos, prestando atenção, ouvindo, vendo e estando aberto às diferenças, atento para aprender com as suas próprias regras em vez de ditar.

Diálogo inter-religioso. O Papa João Paulo II dizia que o diálogo não tem origem em conceitos táticos ou interesses próprios. O diálogo com as outras religiões exige o compromisso de aprender juntos, de estar preparado para ser mudado pelos outros, de conversar e de se colocar no “lugar do outro” na medida do possível (RMi 56). Existe o “testemunho comum” de cristãos de diferentes tradições vivendo e trabalhando juntos, e comprometendo-se a continuar um diálogo para o bem comum. *“Mesmo que não seja para discutir questões teológicas, reúna-se para orar juntos cada um a sua maneira”* (João Paulo em Assis, 2002) (BEVANS, 2010?, p. 8).

Diálogo e Testemunhas do Evangelho. Anunciar o Evangelho é sobretudo mostrá-lo pelo exemplo, pela bondade e gentileza, e mais pelo serviço do que pelas palavras. São Francisco de Assis disse: “Preguem sempre e, se necessário, use palavras”. Paulo VI sublinhou: *“O primeiro meio de evangelização é ser testemunhas de uma autêntica vida cristã”* (EN 41). O testemunho institucional da Igreja emerge pelo seu serviço nas escolas, hospitais, agências de projeção social e orfanatos.

Diálogo pela liturgia, a oração e a contemplação. Como é importante preparar uma boa liturgia, uma vez que pode haver indiferentes ou não-crentes em uma celebração, então uma boa mensagem, uma celebração participativa, um sacramento vivido, algumas palavras de misericórdia na dor ... a palavra do Evangelho pode encontrar ressonância naqueles que procuram um sentido maior na vida, ou simplesmente para aqueles que vivem frios e apáticos à fé. Em 1927, o Papa Pio XI declarou Francisco Xavier e Teresa de Lisieux patronos das missões: Francisco por sua atividade em nome do Evangelho na Índia e no Japão; Teresa, monja carmelita de clausura, em sua vida “escondida”, ardia pela

difusão do Evangelho: seu coração estava sempre além dos muros de seu convento, chamando toda a humanidade à fé em Cristo (BEVANS, 2010?, p. 7).

Diálogo e inculturação. Quando se experimentam os valores de uma religião e de uma cultura, entende-se melhor a inculturação, que é uma arte integral da comunicação do Evangelho, para que a mensagem seja transmitida integralmente. “*Vocês podem e devem ter um cristianismo africano*”, proclamou Paulo VI em 1969. A cultura é cada vez mais válida para a reflexão sobre a fé, e precisa usar sua própria lente para interpretar as Escrituras, as formulações doutrinárias, as práticas éticas e os costumes litúrgicos. A fé cristã precisa estar envolvida no contexto cultural e espiritual dos povos originários (BEVANS, 2010?, p. 10).

Diálogo e Reconciliação. Em um mundo de crescente violência, tensões inter-religiosas, ameaças terroristas, globalização e deslocamento dos povos, o testemunho, o anúncio e a possibilidade de reconciliação podem constituir um novo modo de levar a cabo a tarefa missionária da Igreja. Robert Schreiter insiste que a reconciliação requer uma boa dose de espiritualidade porque é um trabalho de Deus, é graça oferecida porque Deus cura, colapsa a hostilidade, une os que foram divididos, “*Ele é a nossa paz*” (Ef 2,14). A Igreja precisa de formar e desenvolver comunidades de compaixão, honestidade, acolhimento, que através do sacramento possam viver a misericórdia de Deus (SCHREITER, 1999, p. 9).

Diálogo e Migração. Uma das características de nossa sociedade atual é a mobilidade humana. Há milhões que vivem fora do seu país, para viajar, trabalhar ou estudar. Além disso, fala-se de milhões de refugiados ou deslocados e, como disse João Paulo II, “*é um vasto campo para a nova evangelização*”. A missão era classicamente entendida como ir para outro lugar; agora as pessoas de outros lugares chegaram aos nossos países de origem. A missão sugere que ela poderia ser realizada de duas maneiras: a missão para com os migrantes, como foco de pastoral, e a missão realizada pelos migrantes, como sujeitos de missão servindo dentro e fora de suas comunidades.

Haveria outros pontos a desenvolver, mas fica à iniciativa pessoal, por exemplo: diálogo e globalização; diálogo e Projeto Educativo Global; diálogo e testemunho – autenticidade – igualdade; diálogo e anúncio da Palavra; diálogo e mulheres; diálogo e redes sociais ...

CONCLUSÃO

Seguimos avançando na busca de caminhos mais claros e possíveis para a nossa vocação *ad gentes*. Conscientes de que a missão não pode mais ser realizada como nosso Fundador pensou em seu tempo, porque as circunstâncias mudaram substancialmente, estamos em alerta para outras grandes mudanças no futuro próximo. No entanto, queremos permanecer fiéis ao carisma do nosso ser xaveriano: a missão *ad gentes*.

Também estamos conscientes de que a nossa vida missionária hoje já não é tão atraente como em outros tempos. Não encontramos o caminho para mostrar que a proposta de Jesus pode suscitar nos jovens, para levantar as mãos por esta causa. O XVI Capítulo anima a se preparar adequadamente para empreender novos caminhos de presença missionária que respondem às necessidades da Igreja (cf. RG 14,1 e RMX 61).

São tempos de incerteza, de dúvida, de turbulência, mas, ao mesmo tempo, não devemos parar para olhar no vazio. Seguimos, através destas reflexões do CEMLA, que são certamente incompletas, a encontrar a luz de Deus que nos guia no serviço do Reino, a exemplo de Jesus missionário. É por isso que nos entusiasma quando um jovem diz sim, quando vai em missão, quando conta a sua história e a sua experiência cheias de alegria, entusiasmo e com o desejo de continuar a levar com a sua pessoa a semente do Evangelho. Nele depositamos a nossa confiança para que um dia seja por todos, conhecido e amado nosso Senhor Jesus Cristo.

PARA REFLETIR

- O que podemos opinar sobre as opções *ad gentes* dos Xaverianos?
- O que pensar sobre a maneira da missão *ad gentes* acontecer hoje, em nossas presenças missionárias?
- Em que modalidade de diálogo gostaríamos nos abrir e fazer caminho?

ABREVIATURAS

AG	Ad Gentes
C	Constituições xaverianas
DAP	Documento de Aparecida
DP	Documento de Puebla
EG	Evangelii Gaudium
EN	Evangelii Nuntiandi
ES	Ecclesiam Suam
RMi	Redemptoris Missio
RMX	Ratio Missionis Xaveriana

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAEKELMANS, Peter; ROBERT, Marie Hélène. **New Trends in Mission. The Emerging Future**. Essays from SEDOS Mission Symposium. October 11–15, 2021, Rome, Italy. New York: Orbis Books, 2022.

BEVANS, Stephen. My Pilgrimage in Mission. **International Bulletin of Mission Research**, Vol. 43(1) 82–91, 2019.

_____. SVD Priesthood in the Year of Consecrated Life Theological Reflections and Practical Directions. **Verbum SVD** 56,1-2, 97-112, 2015.

_____. Evangelii Gaudium e Dialogo Profetico. **Ad Gentes** 18.2 (2014) 189-198. Disponível em: <https://data.over-blog-kiwi.com/0/51/25/32/20190509/ob_60ddaf_bevans-evangelii-gaudium-e-dialogo-p.pdf>. Acesso: 25/04/23.

_____. **Themes and Questions in Missiology Today**. 2010? Disponível em <https://www.cppsmissionaries.org/download/mission/THEMES_AND_QUESTIONS_IN_MISSIOLOGY_TODAYBevans.pdf>. Acesso: 25/04/23.

_____. **Models of Contextual Theology.** New York: Orbis Books, 2004.

_____. **The Mission has a Church.** An Invitation to the Dance. Disponível em: <https://data.over-blog-kiwi.com/0/51/25/32/20140225/ob_674873_bevans-mission-has-church.pdf>. Acesso: 15/04/23.

_____. **Doing Mission Today: Where We Do It, How We Do It, What We Do.** Disponível em: <<http://mohmv.com.au/Resources/Stephen%20Bevans%20Keynote%202.pdf>>. Acesso: 25/04/23.

BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. **Diálogo profético.** Reflexões sobre a missão cristã hoje. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. **Teología para Misión Hoy.** Constantes en contexto. Estella: Verbo Divino, 2009

CERVERA CONTE, Ignacio. La contextualizacion en el quehacer teológico. **Estudios Eclesiasticos** 81 (2006) n. 316, pp.145-176.

CONNOLLY, Noel. **New Evangelization in Australia.** SEDOS Conference, Rome, April, 2013, 2.

DOOR, Donald. **Mission in Today's World.** Maryknoll, New York: Orbis Books, 2000

LANGMEAD, Ross. **Paradigm Shifts in Missiology.** 3 From Superiority to Mission as Prophetic Dialogue. Mynmar Institute of Theology, November 2012, 1-12.

MISSIONARI SAVERIANI. Coinvolti nel “sogno” del Conforti, il “primo annuncio” ci “riposiziona” tutti! **iQuaderni**, 80. Marzo, 2014.

SCHREITER, Robert. **Los Retos Actuales para la Misión Ad Gen-tes.** Simposium “Misión para el tercer milenio”. México, 14/09/1999.